

Suplemento Cultural

A luz das letras e os estudiosos da beleza (Fecundo intercâmbio acadêmico entre a ASL e a AML)

ELIZABETH FONSECA – 2ª tesoureira da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Quando, em 1977, o governo federal decretou a divisão do Estado de Mato Grosso, a Academia Mato-Grossense de Letras (AML) possuía 56 anos de fundação. Nesta época, sediada na nossa Cidade Morena, vicejava ativamente a Academia de Letras e História de Campo Grande (ALHCG), fundada em 30 de outubro de 1971 pelos escritores Ulisses Serra (seu primeiro presidente), José do Couto Vieira Pontes (primeiro vice-presidente, que assumiu a presidência com o falecimento de Ulisses em 1972) e Germano Barros de Souza, “sonhadores” – no dizer da acadêmica Glorinha Sá Rosa – “que, cheios de decisão, ergueram o monumento, que resiste aos vendavais, enquanto inúmeras outras instituições foram sendo desfeitas pelo vento...”.

Assim como a ASL descende da Academia de Letras e História de Campo Grande, a AML é originária do Centro Mato-Grossense de Letras, que foi fundado em 1921 pelos intelectuais D. Francisco de Aquino Corrêa, José Barnabé de Mesquita, Larapine Ferreira Mendes, João Barbosa de Faria, Estevão de Mendonça, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Carlos Gomes Borralho, Cesário da Silva Prado, Philogonio de Paula Corrêa, João Cunha, Virgílio Corrêa Filho e Franklin Cassiano da Silva. Ressalte-se a atuação deste mesmo grupo na criação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 1919. A denominação ‘Academia Mato-

“

(...) ‘sonhadores’ – no dizer da acadêmica Glorinha Sá Rosa – ‘que, cheios de decisão, ergueram o monumento, que resiste aos vendavais, enquanto inúmeras outras instituições foram sendo desfeitas pelo vento...’”

para a sua atual sede: Av. Calógeras nº 3000, Esplanada da Ferroviária.

Assim como a ASL descende da Academia de Letras e História de Campo Grande, a AML é originária do Centro Mato-Grossense de Letras, que foi fundado em 1921 pelos intelectuais D. Francisco de Aquino Corrêa, José Barnabé de Mesquita, Larapine Ferreira Mendes, João Barbosa de Faria, Estevão de Mendonça, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Carlos Gomes Borralho, Cesário da Silva Prado, Philogonio de Paula Corrêa, João Cunha, Virgílio Corrêa Filho e Franklin Cassiano da Silva. Ressalte-se a atuação deste mesmo grupo na criação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 1919. A denominação ‘Academia Mato-



AML e ASL – Brasões de duas Academias literárias, cujos ideais ora se entrelaçam em fecundo intercâmbio cultural



Grossense de Letras’ veio – conforme consta na obra “90 Anos - AML” (2011) – por decisão de assembleia em 15 de agosto de 1932. E, em 07/09/32, a entidade instalou a sua primeira Diretoria, assim composta: presidente - José B. de Mesquita; vice-presidente - Palmiro Pimenta; 1º secretário - Philogonio de Paula Corrêa; 2º secretário - Francisco Alexandre F. Mendes; e tesoureiro - Franklin Cassiano da Silva.

Além disso, a ASL também possui um Conselho de Administração, formado por membros correspondentes de ambas as instituições. Atualmente, a ASL é presidida por Rubenio Marcelo, atual secretário-geral da ASL e novo membro correspondente da AML. Mahon e Rubenio tiveram seus nomes indicados e aprovados neste corrente ano, em respectivas assembleias gerais das duas Academias.

Coroando a trajetória ativa e a atual interação acadêmica AML-ASL, está programada, para o próximo mês de setembro, uma sessão solene conjunta – a primeira da história das instituições coirmãs – (em Cuiabá, na ‘Casa Barão de Melgaço’), quando serão tratados assuntos literoculturais relevantes para ambas as entidades e para os dois Estados.

Que, assim, seja sempre imortal a flama dos desígnios sagrados que fecundam a ‘luz das letras’ (‘Litterarum lumen’ - lema da ASL) e ‘os estudiosos da beleza’ (‘Pulchritudinis studium habentes’ - lema da AML).

POESIAS

SONHO UNIVERSAL

Quero que o beija-flor... fugaz... minúsculo...
Pouse em mim um enorme amor de ninho;
E que o voraz condor, gigante em músculo,
Me ensine o voo lânguido e mansinho...

Quero da rosa abrir o belo opúsculo
E ler de Deus as preces entre espinho...
Quero meu microcosmo bem maiúsculo
Para tangê-lo, em luz, no meu caminho...

Quero a fluidez das horas vespertinas
Desmaiando em minh’ alma comovida
Sons e cores de ocasos em ruínas...

Quero, enfim, ver o sol, sem escarcéu,
Amando a virgem noite, então rendida,
Tingindo em sangue azuis lençóis de céu!

GERALDO RAMON PEREIRA

NO SHOPPING

Um intenso movimento
E gente de toda idade
Falando felicidade,
No que vê e no que faz.
Vem de várias procedências,
Não se sabe nem de onde
E, se tem, por certo, esconde
Algum problema que traz.

Luzes, músicas e risos,
Parece que sempre é festa,
Pois, o ambiente se presta
Para um romance feliz.
Ninguém é pobre nem triste,
Todos iguais na alegria,
Cada um passa o seu dia,
Faz o programa que quis.

É um mundo diferente
De educação e respeito,
É tudo quase perfeito,
Nem grandeza ou pequenez
Desde a criança ao idoso,
Passeiam muito à vontade,
O Shopping deixa saudade,
A de voltar outra vez.

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

O Galpão e o Menino

NELLY MARTINS

Nas fazendas, o galpão é o lugar procurado por todo passante, peão, boiadeiro, mascate, malandro ou algum aventureiro que por lá apareça.

A hospitalidade impera na época e se torna generalizado o hábito de receber comitivas e elementos outros, vindos de qualquer recanto.

Os familiares e amigos, pessoas de nível mais elevado, são acomodadas na casa grande, mas os figurantes citados se instalam no galpão, de chão batido.

Ali, o fogo aceso aquece chaleira d’água para a rodada de chimarrão e chamusca nacos de carne fresca ou seca, para iludir a fome e esquentar os corpos, em dias de frio.

Há sempre pedaços de couro ou pele e mesmo catres e redes surrados, onde se pode encostar para um descanso.

Após dia de labuta, anoitecendo, começa o movimento no galpão.

Antes de todos se estirarem, largados, num sono solto e reparador, peões e ervateiros da fazenda e os camaradas fortuitos de noitada formam roda em volta do braseiro, agora fogo crepitante, agachados ou sentados.

Mascando uma lasca de fumo ou um naco de carne mal assada, todos fazem parte da rodada de mate. Mãos que se cruzam e se entrelaçam, bocas que se tocam através da cuia de erva preparada e da bombilha de metal luzente dão

estreitamento maior, um traço de união, entre os que ali se acham, ali se conhecem e dali partem, às vezes para nunca mais se verem.

Esquecidas as preocupações e dificuldades, participam das histórias que circulam na roda. Histórias de fantasmas, lobisomens e vampiros, de mulheres feias e bonitas, comprometidas ou livres e a todo momento ouve-se um palavrão atirado sem reboços e as gargalhadas que se arrebentam em resposta.

O menino, num entardecer, entra no recinto sem ser notado e se acomoda num canto.

Ouve amedrontado os casos de assombrações. “Dizem que elas aparecem em bandos, gemendo e lamuriando, arrastando pesadas correntes, vestidas de branco e que são almas penadas em busca de salvação” um comenta.

Dos lobisomens as histórias são de arrepiar. Falam serem homens lobos, peludos, vagando pelos caminhos, de preferência em noites de lua cheia, à procura de alguém que os ajude a desencantar.

Outros casos, como de vampiros, que lá se escutam, contam que pessoas ouviram dizer que eles seduzem damas e cavalheiros, até sugarem seu sangue. Com isso essas vítimas também se tornam novos vampiros.

- Que medo! Vampiros não aparecem no espelho. Não reflete sua imagem.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

RUBENIO MARCELO É ELEITO MEMBRO CORRESPONDENTE DA AML - A Academia Mato-Grossense de Letras (AML), em assembleia geral realizada na sua sede (situada na ‘Casa Barão de Melgaço’ - Cuiabá/MT), elegeu

Rubenio Marcelo como membro correspondente da instituição. Regularmente indicado, de acordo com preceitos estatutários, por acadêmicos daquela entidade máxima da literatura mato-grossense, o acadêmico Rubenio recebeu

votação unânime, passando, portanto, a integrar as duas Casas de Letras estaduais: a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da qual é membro efetivo, e a Academia Mato-Grossense de Letras, novo membro correspondente eleito.

O mundo é maior que uma janela

THERESA HILCAR

O dono da mercearia está encantado com a loja do shopping. É a maior loja que já conheceu na vida, diz. Nunca viu nada igual, nem em beleza nem em tamanho. Foi lá com a mulher para conhecer e acabou até comprando umas coisinhas. Entre elas, uma vela de mel que, quando acende, perfuma a casa inteira, me explicou. E num tom quase confidencial disse que nunca saiu de Campo Grande. “Por isto a loja foi a maior novidade que já pude ver na minha vida”.

Interessantes como abóboras, laranjas e couves, podem nos ligar às pessoas. Este foi o segundo segredo que ele me contou. O primeiro foi que não era bom de leitura. Só de contas. Nunca teve tempo de completar os estudos porque precisou trabalhar logo cedo. Hoje é dono de uma mercearia no centro, mas ainda trabalha duro. De segunda a segunda, sem direito a feriados ou dias santos. E nunca saiu da cidade. A frase ficou martelando minha cabeça o domingo inteiro.

Imaginei como ele se sentiria ao pisar, primeira vez, em uma grande cidade como São Paulo, por exemplo. Como ele reagiria ao conhecer um país estrangeiro, um lugar que ele só conhece nos filmes. Talvez as pessoas sejam felizes do jeito que elas são. Sem sair do lugar. Talvez a geografia, a história ou a cultura não tenha nada a ver com a felicidade de cada um. Ou como às vezes costumamos dizer: a ignorância é uma benção. Porque quando você não sabe que existe algo mais, você não tem desejo. E desejo é fonte de muitas decepções.

No livro “O homem duplicado”, o protagonista, professor de história, repete várias vezes, aos seus alunos, as formas com que governos ditatoriais controlam as populações, entre elas; limitando o acesso ao conhecimento e a liberdade de expressão. Quando estive em Cuba, percebi algo que me surpreendeu bastante; as pessoas demonstram alegria e felicidade, apesar do regime restrito – de liberdade e consumo em que vivem. Elas não conhecem outra coisa, não sabem que existe um mundo diferente daquele a que estão acostumadas. Mas aqueles que, de alguma forma, foram expostos ao que imaginam ser o outro lado do paraíso, querem sair.

Milhares de pessoas passam a vida toda no mesmo lugar, vendo as mesmas coisas, conversando com as mesmas pessoas, comendo a mesma comida, desfrutando da mesma paisagem, sem sentir falta de nada. Outros já nascem com asas. Eu comecei a ensaiar meus voos quando li meu primeiro livro. E nunca mais parei. Na escola escrevia cartas às embaixadas de vários países pedindo informações detalhadas sobre as cidades. Sabia que o mundo era maior que minha janela. Quando viajei pela primeira vez, me senti um pouco como o dono da mercearia, abismada com o tamanho e a beleza de tudo. Era tudo melhor do que eu podia imaginar. O cheiro, as luzes, a arquitetura, a paisagem, as pessoas, tudo me encantava. Desde então, não quero outra coisa que não seja viajar, sair, conhecer outros mundos, outros costumes. Viajar é pra mim a mais pura tradução de liberdade.

Talvez a mesma que o dono da mercearia experimentou, quando fez a simples visita ao shopping. Por isto não vou me surpreender se ele fechar o comércio no próximo feriado. Além disto, também acabei de lhe dar o primeiro livro de sua vida. Que a primeira vista lhe pareceu estranho e desconfortável. Mas diante da autora, e ainda freguesa, ele promete se esforçar na leitura. Vai ler devagar, no seu ritmo. Um dia, quem sabe, ele voa. Tomara!